



Dinâmicas territoriais conectadas pela palavra: São Paulo e suas chácaras

Dinámicas territoriales conectadas por la palabra: São Paulo y sus chacras

SIMPÓSIO E1_01 Paisagens globais e transfronteiriças: histórias conectadas.

Ruth Cuiá Troncarelli

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design, Universidade de São Paulo, Brasil
ruth.troncarelli@usp.br

Resumo: As chácaras na cidade de São Paulo podem ser consideradas elementos simbólicos da passagem do mundo rural para o urbano, pois foi por meio do parcelamento de suas áreas nos arredores da região central, que muitos dos bairros surgiram ao final do século XIX. Atualmente, elas possuem outra relação com a cidade de São Paulo, sendo o seu passado chacareiro esquecido, e mesmo apagado na historiografia e na formação da cidade, assim como a de diversos atores envolvidos. A presente comunicação não se deterá somente no momento de maior predominância temporal deste elemento na paisagem da cidade, (passagem do século XIX para o XX), período retratado em sua maior parte pelas fotografias, como as de um dos fotógrafos percursores da cidade, Militão Augusto de Azevedo (1837-1905). Mas procurará abordar a temática por meio de uma perspectiva de longa duração, investigando a filologia deste nome, algumas hipóteses de sua inserção na cidade, e as possíveis relações transversais estabelecidas entre a América e Europa. A principal fonte de pesquisa são os primeiros dicionários da língua portuguesa difundidos no Brasil, visto a presença dos colonizadores portugueses, como o primeiro dicionário organizado pelo padre Rafael Bluteau, “*Vocabulario Portuguez e latino*”, de 1712, assim como os dicionários espanhóis, presentes tanto na Espanha, quanto no Peru. Procura-se investigar qual a origem da palavra “*chácara*”, e como o seu uso começou a ser empregado para designar as pequenas propriedades rurais, destinadas à criação de animais e cultivo de frutas, legumes e verduras no Brasil, ao invés de quinta, palavra portuguesa que poderia ter sido usada no lugar de chácara. Resta-nos escavar suas camadas de tempo, e entender que a palavra é também um indício de “*sobrevivência*”, e que permite estabelecer caminhos e relações espaciais no território.

Palavras-chave: São Paulo; Chácaras; Dicionários; História da Urbanização.

Resumen: *Las chacras en la ciudad de São Paulo pueden considerarse elementos simbólicos del paso del mundo rural al urbano, pues fue a través del parcelamiento de sus áreas en los alrededores de la región central que muchos de los barrios surgieron a finales del siglo XIX. En la actualidad, mantienen otra relación con la ciudad de São Paulo, ya que su pasado chacarero ha sido olvidado e incluso borrado de la historiografía y de la formación de la ciudad, así como el de diversos actores involucrados. La presente comunicación no se detendrá únicamente en el momento de mayor predominio temporal de este elemento en el paisaje urbano (el paso del siglo XIX al XX), período retratado en su mayor parte por las fotografías, como las de uno de los fotógrafos pioneros de la ciudad, Militão Augusto de Azevedo (1837-1905). Por el contrario, se propone abordar el tema desde una perspectiva de larga duración, investigando la filología de este término, algunas hipótesis sobre su inserción en la ciudad y las posibles relaciones transversales establecidas entre América y Europa. La principal fuente de investigación son los primeros diccionarios de la lengua portuguesa difundidos en Brasil, dada la presencia de los colonizadores portugueses, como el primer diccionario organizado por el padre Rafael Bluteau, Vocabulário Portuguez e Latino (1712), así como diccionarios españoles presentes tanto en España como en Perú. Se busca investigar cuál es el origen de la palabra “chácara” y cómo su uso comenzó a emplearse para designar pequeñas propiedades rurales destinadas a la cría de animales y al cultivo de frutas, legumbres y hortalizas en Brasil, en lugar de quinta, palabra portuguesa que podría haber sido utilizada en su lugar. Nos corresponde excavar sus capas de tiempo y comprender que la palabra es también un indicio de “supervivencia”, que permite establecer caminos y relaciones espaciales en el territorio.*

Palabras-clave: *São Paulo; Chácaras; Diccionarios; Historia de la Urbanización.*

Da origem quéchua à circulação colonial: o caminho da palavra “chácara”

O presente trabalho parte de uma inquietação em torno da palavra chácara, como forma de compreender esse fenômeno que se insere entre os mundos rural e urbano. As chácaras fazem parte da história da cidade de São Paulo, assim como de distintos centros urbanos latino-americanos. Apesar de hoje ser uma palavra banalizada e naturalizada no vocabulário cotidiano, a palavra chácara carrega em sua rede de sentidos marcas de apagamentos históricos e de dinâmicas territoriais, o que justifica a necessidade de uma investigação de sua trajetória lexical e semântica.

Em vista disso, a aproximação metodológica adotada consistiu na investigação da sua origem lexical, tomando como base dicionários brasileiros, espanhóis e peruanos. Tal levantamento comparativo permite captar tanto continuidades semânticas quanto deslocamentos produzidos pela circulação colonial.

A palavra chácara advém da família linguística quéchua, presente na região andina¹, especificamente da Colômbia (região sul) ao Chile (região norte), em que sua presença se associa ao território peruano, sendo considerada uma língua franca (CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA, 2020, p. 79). A grafia de chácara nessa língua possuía variações como *chacra* ou *chakra*, e por ser aglutinante, acaba por formar outras palavras, com outros significados.

Os primeiros registros lexicográficos consultados como o *“Lexicon o Vocabulario de la lengua general de los indios de los reynos del Perú, llamada quichua”* (1560), de autoria de Domingo de Santo Tomás, e *“Arte, y vocabulario en la lengua general del Peru llamada quichua, y en la lengua española : el mas copioso y elegante que hasta agora se ha impresso”* (1586), por Antonio Ricardo, constam as palavras *“chacara”* e *“chacra”*, respectivamente, com o significado de *“heredad”* e *“lugar de labor”*, podendo ser traduzidos como propriedade rural e local de trabalho.

Na obra *“Diccionario de peruanismos: ensayo filológico por Juan de Arona”* (1883), encontrado na Biblioteca Real Academia Española, o verbete *“chacra”* traz comparações para com a língua inglesa (*farm*), francesa (*ferme*) e espanhola (*alquería, granja, etc*), sendo ainda definida como *“toda propiedad rústica pequeña”*. Há a menção que para propriedades maiores, o nome correto seria *“hacienda”* (fazenda). Isso converge com o que se encontra nos dicionários brasileiros, apresentados a seguir, sugerindo ressonâncias semânticas.

Em *“Arte y Diccionario qquechua-español, corregido y aumentado por los RR. PP. Redentoristas al que en 1608 publicó el Rvdo. P. Diego González de Holguín S.J. en esta Ciudad de los Reyes”*, de 1901, reforça essa perspectiva, pois *“chakra”* é apresentada como *“campo, heredad, sementera, sembrío”* (campo, propriedade rural, semeadura, plantio, plantação). Em todos esses casos, permanece inequívoca a centralidade da produção agrícola, indicando uma estabilidade semântica do termo.

Atualmente, a *“Asociación de Academias de la Lengua Española”*, estabelece a seguinte definição para *“chacra”*: *“Terreno de poca extensión dedicado a la agricultura”*, definição

¹ *“Também é conhecido como Runasimi, Gheswa, Runakuna, Kichwas ou Ingas. Os falantes são de diferentes grupos étnicos, como Inca, Chanca, Huanca e Cañari. Fontes apontam 13 dialetos Quéchua contemporâneos, alguns bem diferentes entre si; por isso se usa a expressão família linguística para se referir a eles”* (CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA, 2020, p. 79).

encontrada no sudoeste da Colômbia, e para os países do Equador, Peru, Chile, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Para as regiões oeste, centro e sul da Bolívia, e para os países da Argentina e Uruguai também pode ter o sentido de “*Alquería o granja*”. Portanto, a regularidade geográfica do significado indica que a palavra se manteve ligada à prática agrícola, mesmo após séculos de reconfigurações coloniais e territoriais.

Esta definição atual mostra a difusão da língua e sua presença em diversos países da América Latina, processo que pode ter se originado no século XV, devido ao Império Inca e sua característica expansionista, que assimilava os povos vencidos, além de impor a cultura, religião, economia e a língua a outros povos, fator que foi aproveitado na colonização e dominação espanhola (CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA, 2020). Tal fato seria um aspecto da apropriação espanhola do termo posteriormente, empregado nas redes coloniais hispânicas.

Vale lembrar que o emprego de “*chácara*” e suas derivações, já tinha se dado desde o século XVI no período colonial, um reflexo da expansão do império e sua posterior colonização, sendo apresentado em documentos coloniais no Chile (CRUCES, 2014) e na Argentina (GIUDICELLI, 2013), por exemplo, além de outros países.

No Brasil, ao se analisar o primeiro dicionário publicado, obra de Rafael Bluteau, em 1712, “*Vocabulario Portuguez e latino*”, não consta a palavra “*chácara*”, e suas derivações. Talvez não fosse um termo ainda difundido na cultura portuguesa.

Já na publicação de 1727 do mesmo autor, “*Suplemento ao Vocabulario Portuguez e latino*”, há menção ao termo “*chacara*”, mas com outro sentido do que conhecemos hoje, citando a sua relação com os sacerdotes peruanos. Não foram encontradas relações mitológicas nos documentos que evidenciem esse sentido.

Interessante ressaltar que, embora houvesse grande influência portuguesa no Brasil, visto que o Brasil neste período era colônia de Portugal, não há a menção à “*quinta*” nesta edição, (o que poderia substituir o uso de “*chácara*”), e nem de palavras relativas a ela.

O ano de 1789 é particularmente significativo, pois na edição revista por Antônio de Moraes Silva, que toma como base o dicionário de Bluteau, a designação dada a “*chácara*” aparece comparada a palavra “*quinta*”, descrita como “*casa de campo em granja, ou terras de grangeria*” (BLUTEAU; SILVA, 1789, v.2, p. 277).

Comparecem outros verbetes relacionados a essa palavra, tais como “*quintal*, definido como “(...) na Cidade, ou Villa hum pedaço de terra murada com arvores de fruta”; “*quintaladas*”, como “*muitos quintaes*”; “*quintalão*” como “*quintal grande*”; “*quintalejo*” definido como “*quintal pequeno*”; “*quintã*” como “*quinta, casa de campo*”; “*quinteiro*” como “*o abegão, que cuida na cultura da quinta*”; e por fim, “*roça*” como “*Terra roçada do mato*” e “*Granja, lavoiria no Brazil*” (BLUTEAU; SILVA, 1789, v. 2, p. 278, 351).

Na quarta edição do “*Diccionario da lingua portuguesa, composto por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*”, de 1831, aparece o sinônimo em espanhol “*chacra*”, além de uma ampla variedade de sinônimos regionais, tais como: “*Quinta, no Rio de Janeiro; Na Bahia, chamão-lhe Roça; em Pernambuco Sítio, nos pertos, e adjacencias das cidades, e villas; é de*

recreyo, e de lucro d'hortaliças, legumes, frutas, etc. § Cantiga festiva. Apolog. Dial. F. 73 (do Castelhana Xácara, espécie de romance, seguidilhas)” (SILVA, 1831, v. 1, p. 374).

Já na obra de Francisco Aulete, de 1881, “*Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*”, as palavras “*chacara*” e “*quinta*” são evidenciadas como sinônimos. Para “*quinta*” acrescenta a definição de “*terra de sementeira; fazenda no campo com casas e mais pertencas, casa de campo em granja*” (AULETE, 1881, v.2, p. 1457). Já para “*quintal*”, considera como uma “*quinta pequena*”, sendo uma “*porção de terreno junto da casa de habitação*”. Para o verbete “*roça*”, acrescenta “*lavoura especialmente de mandioca*” (AULETE, 1881, v.2, p.1564-1565).

Em “*Diccionario de vocabulos brasileiros*”, de 1889, organizada pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan, no termo “*Chácara*”, há a menção à sua origem etimológica na língua quíchua, além do acréscimo da região do Rio Grande do Sul, associando-a à atividade pecuarista. Importante ressaltar a relação com o meio urbano:

Chácara, s.f. (R. de Jan. e provs. merid.) especie de quinta nas vizinhanças das cidades e villas. Na Bahia lhe chamam Roça, no Pará Rocinha e em Pern. Sitio. No R. Gr. do S. estendem a denominação de Chácara às pequenas herdades destinadas á criação de gados || Etym. Do quichua Chhakra, significando herdade de cultura, granja (Zorob. Rodrigues). || Valdez escreve Chacra, e é essa realmente a pronuncia mais usual (ROHAN- BEAUREPAIRE, 1889, p.45).

No “*Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*”, de Antonio Joaquim de Macedo Soares, de 1889, é a primeira vez que ao se consultar “*chacra*” há a menção para se consultar “*xacara*”. O vocábulo “*xacara*” foi definido como “*casa situada fora, mas perto da cidade, com terrenos adjacentes ordinariamente cultivados em jardim, horta e pomar; quintal grande, dentro ou fora da cidade, plantado com horta ou pomar; sítio perto do arraial, vila ou cidade, donde se vai a pé ao povoado; port. quinta*” (SOARES, 1889, p. 193).

Na oitava edição do dicionário elaborado por Antonio de Moraes Silva, em 1890, o termo contém uma nova definição, diferente da versão de 1789, ainda mais completa, inclusive com designações de outros lugares, e fazendo referência à palavra quíchua “*chakra/chacra*”, se valendo também da obra de Rohan:

Chácara, ou Chácra, s. f. do Rio de Janeiro e prov. do sul Brazil). Casa de campo com jardim, ás vezes com horta e pomar, nos arrabaldes das cidades; vivenda de recreio. Ha chacaras tambem de negocio, que levam ao mercado hortaliças, fructas ou flôres. § Na Bahia chama-se roça; no Pará, rocinha, e em Pernamb. sitio (SILVA, 1890, p. 446).

Direcionando a análise para a Espanha, o verbete para “*chacra*” já era encontrado no “*Diccionario de la lengua castellana : en que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las phrases o modos de hablar, los proverbios o refranes y otras cosas convenientes al uso de la lengua*”, da Academia Real Española, de 1729. Porém em sua descrição o significado se distanciava do sentido de cultivo, estando mais ligado a construção em si, tendo a seguinte designação: “*CHACRA.f.f. Habitacion rústica, y sin architectura ni pulidéz alguna, de*

que usan los Indios en el campo, sin formar lugar, ni tener entre sí unión” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1729, v. 2, p. 298).

No contexto da colonização espanhola, no mesmo verbete há a recomendação de não se agir com violência contra os indígenas: *“Si los Indios quisieren permanecer en las chacras y estancias, no sean detenidos con violencia..... Y para esso haya en los confines de las chacras lugar acomodado para que vivan juntos*” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1729, v. 2, p. 298).

Como é característico do processo de colonização, há um julgamento do modo de viver daquele que foi colonizado, sem entender verdadeiramente o caráter e significado desses espaços. Para os espanhóis, eram habitações rústicas no campo, e não dignas de serem consideradas arquiteturas. Mas com certeza havia uma rede de significações desses espaços, não somente do ponto de vista material, mas também espiritual, social e cultural, que escapam da nossa mirada, tais como: práticas agrícolas diferenciadas, sistemas de manejo, práticas ritualísticas, outra compreensão da paisagem, etc.

Nos dicionários espanhóis, destacam-se dois fatos curiosos. O primeiro é a relação com o significado presente no dicionário brasileiro de 1727 da palavra *“chácara*, em relação ao verbete no *“Diccionario nacional ó Gran Diccionario clásico de la lengua española: el más completo de los léxicos publicados hasta el día por Ramón Joaquín Domínguez”*, de 1848-1849. Nota-se a mesma menção mitológica de *“chacara”* estar ligada ao sacerdote peruano do sol, informação adquirida segundo ele, pela colonização e contato com a população local, identificada como *“primitivos peruanos”*.

Já o verbete *“chacra”*, complementa a definição espanhola de 1729, sendo um lugar onde havia abrigos ou tendas feitas pelos indígenas para se abrigarem das intempéries.

O segundo fato, é que só seria mencionado o sentido de *“chacra”* ligado ao cultivo em 1879, no *“Nuevo diccionario de la lengua castellana por la Academia Española añadido con unas veinte y seis mil voces, acepciones, frases, y locuciones entre ellas muchas americanas”*, em que *“chacra”* na América meridional, seria uma *“Alquería ó casa de campo para la labranza”* (Alqueria ou casa de campo destinada ao cultivo).

Mesmo tendo as publicações que revelavam o sentido de *chácara* desde o século XVI como apresentadas no início do texto, os dicionários espanhóis estabeleciam outros sentidos para a palavra *chácara*, desconsiderando a transformação da paisagem, e remetendo seus significados muito mais à construção em si do que ao cultivo, sendo a publicação de 1879 um pouco tardia em relação a isso. Os dicionários espanhóis parecem desconectados da paisagem agrícola andina.

Nota-se que por meio do percurso feito pelos dicionários e seus significados ao longo dos séculos XVI ao XIX, havia uma difusão de significados semelhantes, e outros possivelmente sugeridos pelo não conhecimento da língua quéchua na colonização espanhola. Ressalta-se a presença indígena, mesmo que vista deslocada de seu sentido, não deixa de ser uma *“sobrevivência”*.

As referências bibliográficas utilizadas para a constituição deles, somada à história dos autores desses dicionários dariam novas pesquisas relacionadas às circulações de conhecimentos nesses períodos. Assim, mesmo deslocada e reinterpretada ao longo do tempo, a palavra *“chácara”* preserva camadas de sentido ligadas ao universo indígena e ao ato de cultivar, constituindo-se como uma forma de *“sobrevivência”* linguística e territorial.

A presença da “chácara” na iconografia sul-americana

Abre-se aqui um parêntese para evidenciar o reconhecimento dessa configuração espacial no imaginário latino-americano, particularmente na América do Sul, tomando como referência um conjunto diversificado de representações iconográficas. Tais documentos desempenham um papel fundamental para compreender como a chácara foi percebida, representada e integrada às paisagens urbanas e periurbanas desde o período colonial, e como sua configuração esteve presente na América do Sul. O exame dessa iconografia revela não apenas registros descritivos, mas também formas sociais de ver, classificar e ordenar o território, permitindo identificar continuidades e rupturas na presença das chácaras ao longo do tempo.

No mapa da cidade de Colônia de Sacramento (fundada em 1680 pelos portugueses), na região do rio da Prata no Uruguai, há a menção da “*Xácara do Sr. Gov*”, destacada com o círculo vermelho na figura 01, em mapa provavelmente feito em meados do século XVIII. Essa cidade foi palco de intensa disputa entre Portugal e Espanha, e apesar do mapa ser militar, com a identificação da localização das patrulhas, há uma grande predominância de áreas que se assemelham a chácaras, destinadas ao cultivo, incluindo a localização de moinhos de vento. Esses elementos reforçam o papel das chácaras como infraestruturas produtivas essenciais à sustentação urbana e militar.

Na parte superior, representações de figuras humanas envolvidas em atividades agrícolas e pastoris reforçam a interpretação de um território híbrido, onde práticas produtivas coexistiam com uma ocupação militar estratégica. Do período de 1717 a 1735, havia uma produção pecuária e agrícola, e após 1737 devido às campanhas militares houve uma perda dessas produções (PRADO, 2002).



Figura 01: “*Planta da Praça da Colônia e região circunvizinha com indicações de terrenos cultivados, hortas e chácaras*”, século XVIII. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

No mapa cidade de Buenos Aires de 1805-1806, na legenda há somente uma referência direta à chácara: “*Chacara y Hornos de ladrillo de Santo Domingo*”, localizada em área mais afastada do núcleo urbano, identificada pelo círculo vermelho (Figura 02).

Esse documento integra a campanha sul-americana das invasões britânicas do Rio da Prata, no contexto das Guerras Napoleônicas (1803-1815), detalhando a campanha do General William Carr Beresford. Esse general chegou a atacar Buenos Aires, assim como outras cidades, sem autorização da coroa britânica.

Deslocando o foco da análise para o aspecto territorial, percebe-se que, mesmo com o traçado reticulado já consolidado, a cidade permanecia circundada pelo que parecem ser chácaras, ou pequenas propriedades de cultivo. Essas unidades produtivas compunham uma zona de transição fundamental entre o espaço urbano e as áreas rurais, contribuindo para o abastecimento da cidade e para a conformação de uma paisagem marcada pela presença do verde.

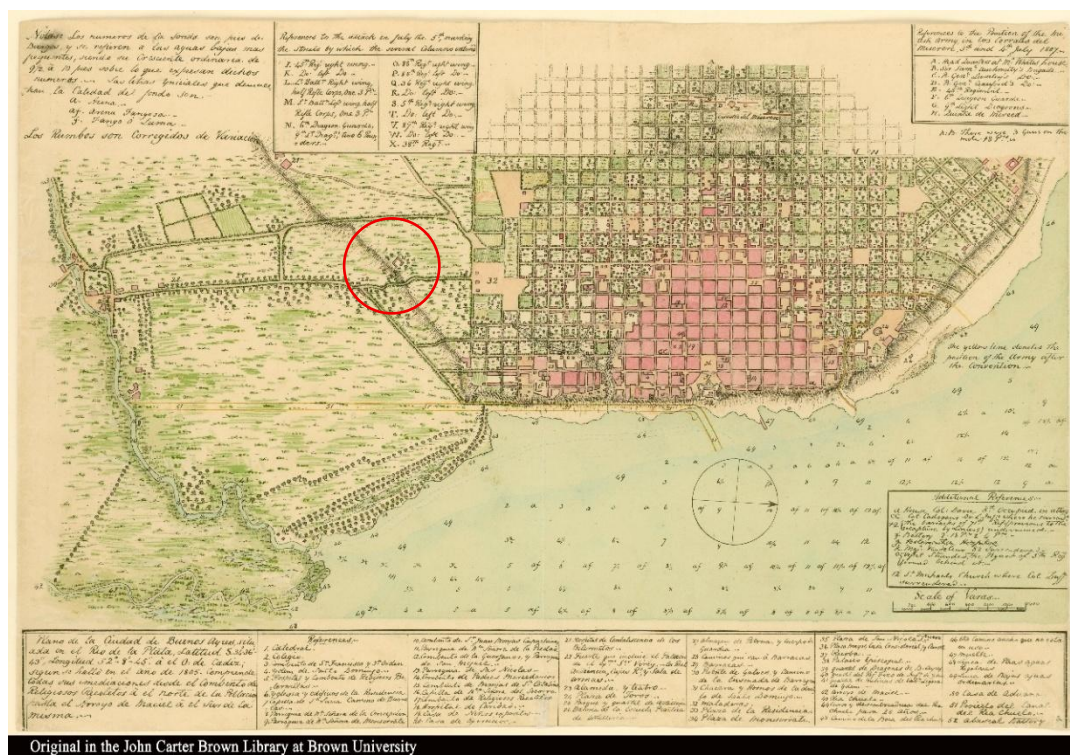


Figura 02: “Plano de la ciudad de Buenos Ayres, situada en el Rio de la Plata, latitud S. 34°-36°-43”, longitud 52°-8°-45”. à el o: de Cadiz; segun se hallò en el año 1805. Comprende todas sus inmediaciones desde el combento de religiosos recoletos à el norte de la poblacion hasta el arroyo de Maciel à el sur de la misma”. Fonte: Acervo JCB Library. Identificação da imagem: Z M294 1806 3 | C-7006.

Semelhantemente, no mapa da cidade de Santiago do Chile de 1854, embora inexista referência nominal às chácaras, nota-se a presença de propriedades com amplos espaços de cultivo, principalmente identificados nos espaços religiosos e militares (Figura 03).



Figura 03: Plano de Santiago do Chile. Autoria: Estevan Castagnola, 1854. Fonte: Biblioteca Nacional do Uruguai.

A arquiteta Pia Montealegre (2021) em suas pesquisas sobre a cidade Santiago do Chile, destacou a importância do imaginário agrícola para a modernização urbana da cidade. Suas análises cartográficas mostram que o núcleo urbano era envolvido por uma vasta zona de chácaras e espaços verdes, configurando uma mancha periurbana que revelava interdependências entre agricultura, circulação e o morar.

Montealegre descreveu ainda a transformação dos espaços na cidade, como a mudança dos jardins que passaram a ocupar áreas antes destinadas ao cultivo, e a conversão das alamedas em bulevares. Também houve processos de disputa territorial, como os terrenos “*baldios*” rurais (entendidos como terrenos abertos, com livre trânsito, podendo ter diversas configurações, como pastagem, prado florido, matagal, campo, etc), que faziam parte da vida da população, e eram usados para o lazer, sendo transformados em parques, alinhados aos interesses e preferências estéticas da elite. Assim, a modernização trouxe não apenas alterações formais, mas também mudanças nas relações sociais com a paisagem.

Na Biblioteca Nacional do Uruguai foram encontradas pinturas de Juan Manuel Besnes e Irigoyen (1789-1865), pintor de origem basca que retratou os habitantes, incluindo indígenas e colonizadores, além de paisagens, como a das chácaras em 1856 (Figuras 04 e 05). Na primeira imagem pode-se ver casas distribuídas nos arredores da cidade, inseridas no campo. Na segunda imagem, há a configuração paisagística de uma alameda, cujo caminho conduz à casa. Ao longo

do caminho há casais passeando em trajes elegantes, assim como um possível jardineiro, com seu carrinho com plantas. Cena que evidencia a domesticação estética da vegetação e sua incorporação à sociabilidade urbana.

Em seu álbum de desenhos, Besnes e Irigoyen registrou outros elementos vinculados ao universo rural e periurbano: casas de campo, “gaúchos”, carros de boi, animais de carga e cenas do cotidiano agrário. Essas representações visuais confirmam a chácara como um espaço intermediário, no qual se articulam práticas produtivas, formas de habitar e construções simbólicas que atravessam o rural e o urbano.



Figura 04: Obra retratando a Villa de San José, a partir da coxilha (elevação suave do terreno), próximo da chácara de Dom Jose Biera, na companhia de Dom Luis Chamiso, Dom Candido Irazusta e Dom Miguel La Riera. Autoria: Juan Manuel Besnes e Irigoyen. Fonte: Biblioteca Nacional do Uruguai.



Figura 05: “Chacara de [Bejar]”, 1839. Autoria: Juan Manuel Besnes e Irigoyen. Fonte: Biblioteca Nacional do Uruguai.

A entrada do termo “chácara” no Brasil

No “*Dicionário da Terra*”, organizado por Márcia Motta de 2005, há um resumo de alguns aspectos associados inicialmente ao termo “chácara”, verbete feito por Graciela Garcia. Nele é indicada sua origem quéchua, e a designação de “*terras de lavoura*”, e sua possível grafia como “*chacra, xácara ou xacra*”. Segundo Garcia (2005), sua incorporação na América portuguesa se deu pelo castelhano, sendo que em espanhol sua grafia seria “*chacra*”. Seu emprego no Brasil se

deu desde o século XVIII, o que foi confirmado pela busca nos dicionários. Especificamente é citada a região do rio da Prata, em que “*chacra*” seria uma “(...) *pequena propriedade dedicada especialmente à agricultura, mas algumas vezes também pode designar unidades mistas, tendo como atividade complementar a pecuária, porém em pequena escala*”.

Garcia apresenta em seguida uma descrição das chácaras do período colonial em Buenos Aires, as “*chacras bonaerenses*”, tendo como atividade principal a agrícola, cuja produção era destinada ao consumo urbano, em que tinham como principal valor “(...) *suas árvores, cercados, edifícios e instrumentos agrícolas*”. Diferenciavam-se das “*estancias*”, por serem menores. As “*estancias*” eram mais valorizadas do que as chácaras, e tinham os animais como principal patrimônio.

A autora provavelmente cita as chácaras argentinas pela sua proximidade com a região sul do Brasil, pois em seguida adentra na designação das chácaras no Rio Grande do Sul, e sua presença na documentação do período colonial. Essa proximidade com a região sul do Brasil permite levantar a hipótese de que a introdução do termo no território brasileiro esteja relacionada aos conflitos territoriais entre espanhóis e portugueses. Outras informações são acrescentadas, como a presença de termos correlatos (“*campo*”, “*sítio*” e “*data de terras*”), o perfil socioeconômico menos favorecido de seus proprietários, o pequeno porte das propriedades e a combinação entre agricultura e criação de animais.

No Brasil imperial, “*chácara*” se referia a “(...) *uma pequena propriedade campestre nas proximidades e adjacências das cidades ou villas, ou mesmo no interior do perímetro urbano, com casa de habitação. Pode significar apenas uma casa de campo*” (GARCIA, 2005, p. 94), ou seja, uma propriedade agrícola pequena.

Em “*Vocabulário sul-rio-grandense*”, obra realizada a partir das publicações de Romaguera Corrêa, Antônio Álvares Coruja, Luiz Carlos de Moraes e Roque Callage (1964), no prefácio há a menção de que havia uma grande riqueza nos vocábulos regionais, pelas influências portuguesa, indígena e hispânica. O verbete “*chacra*” teria vindo do “*vocabulário platense*”, ou seja, da região do Rio da Prata.

Para a definição de “*Chácara ou Chacra*”, definida como “*granja, quinta nos arrabaldes as povoações, ou sítio com casa e grandes lavouras próximo às estâncias, e que serve de celeiro ao estancieiro, e não pequenas herdades destinadas à criação de gados, conforme diz Visconde de B.-Rohan*” (CORRÊA et al., 1964, p. 113). Neste caso, nota-se a influência das “*chácaras bonaerenses*”, pelo vocabulário empregado.

Na definição do segundo verbete, “*Chácara*”, é apresentada como um “*pequeno sítio de criação e plantação nos arredores de povoações ou cidades*”, definição dada por Callage, e em seguida, “*propriedade rústica com casa de habitação, perto da cidade*” (CORRÊA et al., 1964, p. 113), o que se assemelha aos dicionários espanhóis, reforçando a permanência de uma matriz semântica comum no espaço platino. Em seguida, uma definição regional específica: “*No R. G. do S. estendem a denominação de chácara às pequenas herdades destinadas à criação de gados*” (CORRÊA et al., 1964, p. 114).

Foram pensadas outras hipóteses que poderiam ter propiciado a entrada do termo no Brasil. A primeira delas seria pelas trocas realizadas por meio das Missões Guaraníticas, e pelo fluxo de pessoas nos territórios do povo indígena Guarani, nos países da Argentina, Brasil, Bolívia,

Uruguai e Paraguai, que teriam tido contato com os povos que falavam a língua quéchua. A segunda hipótese estaria relacionada à rota do caminho de Peabiru, que fazia ligação entre o Brasil e o Peru, ligando o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, e que devido às novas pesquisas arqueológicas têm tentado recuperar a história desse caminho. Nas duas hipóteses destaca-se a presença dos povos indígenas, que costumam ser apagados da história, com destaque para o povo Guarani.

A presença do termo “*chácara*” em iconografias, associada aos registros lexicográficos e às análises apresentadas, evidencia sua introdução no Brasil pela região sul (Figura 06).

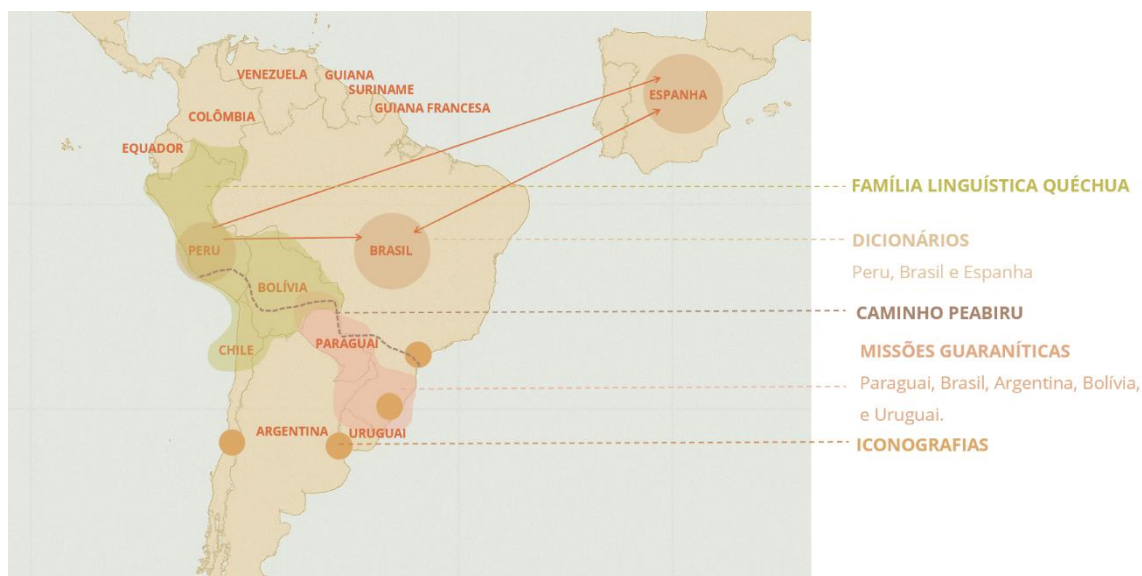


Figura 06: Mapa esquemático representando a conjunção de fatores relacionadas à introdução do termo *chácara* no Brasil. Fonte: Troncarelli, 2025.

Assim como na Argentina, no Uruguai e no Chile, a cartografia brasileira do século XIX também evidencia a presença recorrente das *chácaras*, confirmando sua importância na organização territorial e na transição entre o urbano e o rural.

Na planta da cidade de São Paulo de 1810, elaborada pelo engenheiro militar Rufino José Felizardo e Costa, consta a identificação das “*Chácara do Cel. Gavião*” e “*Chácara do Secret. Velho*”, identificadas na Figura 07, com os círculos vermelhos. Embora apenas essas duas propriedades estejam nomeadas dessa forma, sabe-se que havia outras *chácaras* como a do Coronel Arouche, do Miguel Carlos, do Barão de Limeira, dentre outras. Nota-se que as *chácaras* identificadas estão situadas após o córrego Anhangabaú, reforçando as *chácaras* como espaço de transição entre o rural e o urbano.



Figura 07: Planta da Cidade de São Paulo, levantada em 1810 pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa. Fonte: Museu Paulista-USP.

No mapa da cidade de Pelotas, de 1835, há a identificação de três chácaras: “Chácara de J.M. Torres”, “Chácara de J. R. Barcetos” e “Chácara e Olaria de F. Carneiro”. O mapa também apresenta outras áreas que aparentam corresponder a chácaras, embora não estejam nomeadas. (Figura 08).

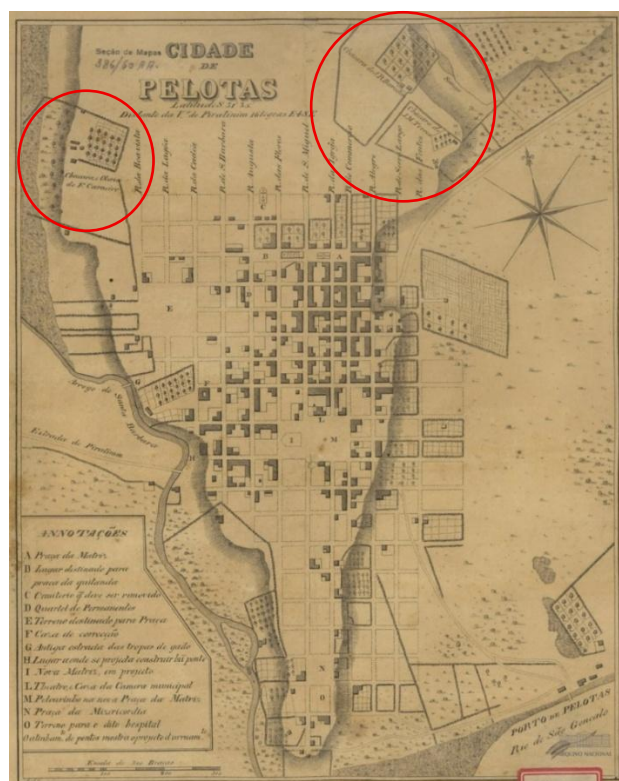


Figura 08: Cidade de Pelotas, 1835. Fonte: Arquivo Nacional. Fundo Ministério da Guerra.

Em 1868, no primeiro atlas do Brasil, elaborado por Candido Mendes de Almeida, são apresentados mapas das províncias e de suas comarcas, acompanhados por plantas das principais cidades (Grão-Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, São Pedro, Minas Geraes, Goyaz e Matto-Grosso). Em todas as regiões há um pequeno mapa das principais cidades.

A cidade de São Paulo é a única que apresenta o nome “*Chácara*” inserido, identificando a propriedade do “*Sr. Scharp*”, o que singulariza São Paulo no conjunto cartográfico do período (Figura 09).



Figura 09: “Mapa número XVII – Província de São Paulo – Cidade de São Paulo”. Fonte: ALMEIDA, 1868.

A mesma propriedade, do Senhor Charpe, no Campos Elísios, foi retratada pelo fotógrafo Militão de Azevedo, no ano de 1867, um ano antes da publicação do Atlas (Figuras 10 e 11).



Figuras 10 e 11: Casa do Senhor Charpe, no Campos Elísios, em 1867. Autoria: Militão Augusto de Azevedo. Fonte: Coleção Militão Augusto de Azevedo/Museu Paulista-USP.

Foram identificadas outras iconografias, no mesmo período, de propriedades designadas como chácaras em Pernambuco (Figura 12) e no Rio de Janeiro (Figuras 13 e 14), ambas cidades localizadas ao longo da costa brasileira. Isso poderia ser um indício da difusão do termo e da configuração espacial da chácara também em cidades portuárias, para além do eixo sul do país.



Figura 12: “Chácara do Commendador Luiz Gonçalves da Silva: na estancia (Tirada da Magdalena) Pernambuco”. 18--. Autoria: F. H. Carls. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Figura 13: “Chácara do Visconde D’Estrella : Rio Comprido”, 1856. Autoria: Pieter Godfred Bertichen. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

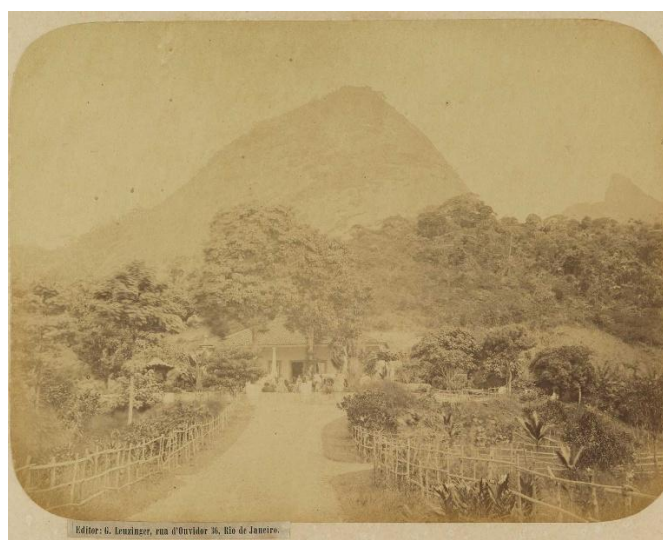


Figura 14: “O Cosme. Chácara nas Laranjeiras, Rua do Ouvidor, 34”, 1860-1870. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A formação de outro imaginário urbano

Após esse percurso iconográfico e lexical, adentra-se nas definições estabelecidas por alguns autores a respeito de São Paulo e de suas chácaras. Benedito Lima de Toledo afirma que a cidade de São Paulo propiciava o encontro de tropeiros, o que pode ter contribuído para a difusão do termo para outras regiões do país. Segundo o autor, as chácaras paulistanas não desempenhavam funções agrárias propriamente ditas, mas conciliavam dimensões do urbano e do rural:

Essa colina era centro de convergência de caminhos de tropeiros, ao longo dos quais surgiam pequenos sítios e chácaras. Apesar da denominação, essas propriedades, que chegaram até o nosso século, não tinham preponderantemente funções agrárias; eram, antes, moradias desafogadas e implantadas em meio a pomares e denso arvoredo. Uma forma de viver, nem urbana nem rural, ou conciliadora de ambas. Até que chegou a ferrovia. (TOLEDO, 2004, p.10).

Margarida Maria de Andrade (1991), ao tratar das chácaras paulistanas, ressalta que sua produção deveria ser reduzida e voltada prioritariamente ao consumo familiar, em convergência com a interpretação de Toledo:

As chácaras tradicionais eram propriedade da elite e embora esse tipo de propriedade fosse voltado à exploração do solo, principalmente o cultivo de árvores frutíferas, tratava-se, no mais das vezes, de produção para ‘abastecimento da família e não uma exploração comercial do pomar’. (ANDRADE, 1991, p. 166).

Diversos autores descreveram essas propriedades de maneira sucinta, por vezes apresentando interpretações contrastantes, como é o caso de Alice Cannabrava (2005). A autora propôs uma análise baseada em notícias e anúncios veiculados no jornal *A Província de São Paulo* entre os anos de 1885 e 1890.

A partir desse levantamento, Cannabrava identificou quatro tipos de chácaras, pertencentes, em sua maioria, a famílias aristocráticas paulistas, em geral, grupos com recursos financeiros, sendo algumas delas voltadas à exploração comercial. Entre os tipos elencados estão: “*A chácara, simples, residência da família, com seu jardim e suas árvores frutíferas*”; “*(...) A chácara onde a vinha aparece como cultura dominante, indicando objetivos de exploração comercial*”; “*(...) A chácara onde o cultivo do solo está orientado sobretudo para a produção de flores, de mudas, de plantas ornamentais e de mudas de árvores de fruta com objetivo comercial*”, e por fim, “*(...) Encontra-se também a atividade agrícola associada a uma produção industrial baseada no solo - a fabricação de telhas e tijolos*” (CANNABRAVA, 2005, p. 236-237).

Nessas descrições, são legitimadas como “*chácaras*” sobretudo as propriedades pertencentes à elite paulistana. No entanto, essa abordagem suscita uma questão fundamental: e as propriedades fora desse circuito, habitadas por camadas sociais invisibilizadas, como as mulheres que vendiam hortaliças ou mesmo galinhas na região central da cidade, retratadas pelo fotógrafo Vincenzo Pastore (1865-1918), onde ficam na história (Figuras 15 e 16)?



Figuras 15 e 16: “Grupo de mulheres, vendedoras de legumes (localização provável: atual Parque Dom Pedro II)”- fotografia à esquerda. “Vendedora de galinhas, em rua adjacente ao Mercado Municipal (localização provável: Rua 25 de março)”- Fotografia à direita. Cerca de 1910. Autor: Vincenzo Pastore. Fonte: Coleção Vincenzo Pastore / Instituto Moreira Salles.

A historiografia nos revela que as chácaras da elite receberam destaque, principalmente nas descrições, e em menor medida nas fotografias, enquanto os espaços rurais ocupados por camadas subalternas permanecem invisibilizados. Elementos do cotidiano, como os carros de boi que circulavam pela cidade, são quase apagados da memória visual e documental, reforçando hierarquias históricas e seletividades na forma como o espaço urbano e periurbano foi representado (Figura 17).



Figuras 17: “Vale do Carmo”. Autoria desconhecida, c.1920. Fonte: Coleção Documentos Avulsos - Museu Paulista-USP.

Por fim, neste trabalho, a palavra “*chácara*” foi analisada sob a perspectiva da longa duração, percorrendo séculos e territórios. Nota-se a sua conexão com práticas agrícolas e com o morar, desde suas origens quéchuas até sua circulação pelas redes coloniais e sua consolidação, principalmente em São Paulo. A chácara revela relações sociais, culturais e espaciais, sendo um elemento articulador entre o rural e o urbano, funcionando como um espaço de mediação entre esses dois mundos.

O termo carrega em sua origem saberes indígenas, posteriormente tensionados e muitas vezes apagados pelas dinâmicas e apropriações coloniais. Ana Padawer (2014), ao analisar expressões como “*fazer chácara*” ou “*ser da chácara*” no município de San Ignacio, na província de Misiones, Argentina, investigou as relações entre a população indígena Mbyá-Guarani e os colonos. Seu estudo nos convida a refletir sobre o significado das chácaras no universo quéchua, tanto do ponto de vista simbólico quanto espacial, e se há eventuais resquícios dessa compreensão atualmente, e mesmo se há contradições.

Segundo a autora, os indígenas se reconhecem como “*gente do monte*”, sendo o monte entendido como montanha, mata ou, mais amplamente, zona rural e campo. Nesses espaços, ocorre a produção de hortas, o cultivo em roças, a colheita e a caça, ou seja, são áreas que suprem as necessidades básicas da comunidade. Em contraste, os colonos vivem nas chácaras situadas em ruas rurais, estabelecidas a partir de loteamentos privados e estatais, desde 1890, tendo como objetivo capitalizar essas propriedades, sendo reconhecidos como “*gente da chácara*”.

No contexto argentino, o termo “*chácara*” transita entre os universos colonizador e indígena, adquirindo sentidos distintos. Segundo Padawer, os indígenas “*del monte*” também podem possuir chácaras, conectando-as às práticas agrícolas tradicionais, enquanto a expressão “*gente da chácara*” mantém vínculos com o monte, remetendo à coleta de mel, ervas e frutas. Assim, a palavra revela uma ambivalência histórica, refletindo contradições entre os mundos indígena e colonizador.

Mais do que reconstruir sua etimologia, compreende-se que a palavra se transforma e adquire novos sentidos, funcionando como uma lente para interpretar as transformações territoriais e as formas de invisibilização social e espacial nas cidades. A análise da chácara permite, assim, refletir sobre a produção do espaço e sobre como memória e cotidiano urbano se entrelaçam com práticas agrícolas, modos de habitar, circulação e sociabilidade.

Referências

ALMEIDA, Candido Mendes de. **Atlas do Império do Brasil**: compreendendo as respectivas divisões administrativas, ecclesiasticas, eleitorais e judiciais. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico, 1868.

ANDRADE, Margarida Maria de. **Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho**. 1991. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. DOI: 10.11606/T.8.1991.tde-13052022-091825.

ARONA, Juan de. **Diccionario de peruanismos: ensayo filológico**. Lima: Imprenta de J. Francisco Solís, 1883. Disponível em: <https://www.rae.es/biblioteca/catalogo/?TITN=31602>. Acesso em: 05 nov. 2025.

Arte, y vocabulario en la lengua general del Perú llamada Quichua, y en la lengua española: el más copioso y elegante que hasta agora se ha impresso. Lima: Por Antonio Ricardo, 1586. (Obra anônima.) Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.14428/69704>. Acesso em: 05 nov. 2025.

AULETE, Francisco Júlio de Caldas. **Diccionario contemporaneo da lingua portugueza**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/c33718fd-d7aa-45c7-adb8-2aa18fcf5440>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario Portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.



BLUTEAU, Rafael. **Suplemento ao Vocabulario Portuguez e latino**. Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1727.

BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza**, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e accrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. v. 1–2. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/598>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CANNABRAVA, Alice Piffer. As chácaras paulistanas (Primeiros estudos). In: **História econômica: estudos e pesquisas**. São Paulo: Hucitec; UNESP; ABPHE, 2005, pp. 233-242.

CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA (org.). Quéchua, a bela língua dos Andes. In: **Línguas ameríndias: ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2020. pp 78-81.

CHACRA. In: ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Diccionario de americanismos**. Versão online. [S.l.]: ASALE, 2010. Disponível em: <https://www.asale.org/damer/chacra>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CORRÊA, Romaguera; CORUJA, Antônio Álvares Pereira; MORAES, Luiz Carlos de; CALLAGE, Roque. **Vocabulário sul-rio-grandense**. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1964.

CRUCES, Hugo Contreras. Borracheras, huidas y rebeldía entre los indios de Chile colonial. Decretos, autos y bandos de los siglos XVI y XVII. **Corpus: Archivos virtuales de la alteridad americana**. v. 4, n. 1, 2014. DOI: 10.4000/corpusarchivos.642. Disponível em: <https://journals.openedition.org/corpusarchivos/642>. Acesso em: 14 outubro 2024.

DOMÍNGUEZ, Ramón Joaquín. **Diccionario nacional ó gran diccionario clásico de la lengua española: el más completo de los léxicos publicados hasta el día**. Madrid: Establecimiento Tipográfico de Mellado, 1848–1849. Disponível em: <https://www.rae.es/biblioteca/catalogo/?TITN=27209>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GARCIA, Graciela. Chácara. In: MOTTA, Márcia (org.). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005, pp. 93-95.

GIUDICELLI, Christophe. Calibay o la tempestad. **Corpus: Archivos virtuales de la alteridad americana**. v. 3, n. 1, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/corpusarchivos.336>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corpusarchivos/336>. Acesso em: 14 out. 2024.

HOLGUÍN, Diego González de. **Arte y diccionario quechua-español**, corregido y aumentado por los RR. PP. Redentoristas, al que en 1608 publicó el Rvdo. P. Diego González de Holguín S.J. en esta Ciudad de los Reyes. Lima: Imp. del Estado, 1901.

MONTEALEGRE, Pía. Chacras, alamedas y baldíos: formas rurales de verde en la modernización urbana de Santiago. **ARQ (Santiago)**. Santiago do Chile, n.108, pp.44-55, 2021.

PADAWER, Ana. “Hacer chacra” o “ser de la chacra”: identidades contrastivas en el SO misionero. **Estudios Rurales**, Argentina, n. 7, pp. 61-80, 2014.

PRADO, Fabrício Pereira. **Colônia do Sacramento: comércio e sociedade na fronteira platina (1716–1753)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua castellana: en que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las frases o modos de hablar, los proverbios o refranes y otras cosas convenientes al uso de la lengua.** Dedicado al rey nuestro señor Don Phelipe V. Tomo II. Madrid: En la imprenta de Francisco del Hierro, impressor de la Real Academia Española, 1729. Disponível em: <https://www.rae.es/biblioteca/catalogo/?TITN=22015>. Acesso em: 12 jan. 2026.

ROHAN-BEAUREPAIRE, Visconde de. **Diccionario de vocabulos brasileiros.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221706>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SALVÁ, Vicente (org.). **Nuevo diccionario de la lengua castellana por la Academia Española, añadido con unas veinte y seis mil voces, acepciones, frases y locuciones, entre ellas muchas americanas.** París: Librería de Garnier Hermanos, 1879. Disponível em: <https://www.rae.es/biblioteca/catalogo/?TITN=27235>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SANTO TOMÁS, Domingo de. **Lexicon o vocabulario de la lengua general de los indios de los reynos del Perú, llamada quichua.** Valladolid: Francisco Fernández de Córdova, 1560.

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa,** composto por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. 4. ed., reformada, emendada e muito acrescentada pelo mesmo autor; posta em ordem, correcta e enriquecida de grande número de artigos novos e dos synônimos por Theotonio José de Oliveira Velho. Lisboa: na Impressão Régia, 1831. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30974908k>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza.** Rio de Janeiro; Lisboa: Empr. Litteraria Fluminense, 1890. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242523>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SOARES, Antonio Joaquim de Macedo. **Diccionario brasileiro da lingua portugueza.** Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1889.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.